

EXPERIÊNCIAS DO QUE É SER MULHER EM UMA SOCIEDADE: UMA REVISÃO NARRATIVA

Experiences of what's to be a woman in a society: a narrative review

Gabriel Grilo da Cruz^{1*}, Rosanea Meneses de Souza²

Palavras-chave:

Iniquidade de sexo, feminino, gênero e histórico.

RESUMO - Entende-se que gênero não se refere somente a existência masculina e feminina. Há um universo de possibilidades com tendências relacionais ao feminino e ao masculino, dependendo portanto do contexto cultural e compostas pelas relações sociais, dependentes da cultura e moldadas pelos valores da sociedade. Desta forma, este trabalho tem por objetivo pesquisar como é ser mulher na sociedade, investigando o perfil profissional e pessoal, as principais características e representações sociais constituídas para esse gênero. Os critérios utilizados para pesquisa bibliográfica foram incluídos temas sobre: sexo e gênero; historicidade da integração do gênero na sociedade; compreendendo a desigualdade social entre gêneros; gênero e política; com 9 referências bibliográficas entre os anos de 1980 a 2020 para uma comparação histórica e atual do que é vivenciar ser mulher em uma sociedade. Sendo usados as seguintes palavras chaves iniquidade de sexo, feminino, gênero e histórico. Foram excluídos os demais artigos os quais não contemplavam esse panorama narrativo. Para isso, foi realizado uma revisão narrativa a qual nos permite traçar um panorama histórico e atual do que é ser mulher numa sociedade mais especificamente sobre a educação a elas repassado, as características e papéis sociais representados, preconceitos vividos e assim auxiliar na desconstrução dos mitos sociais as mulheres, proporcionando assim acesso a informações dos novos papéis que a mulher vem ganhando e sua desconstrução.

Keywords: Gender, female, gender and historical inequity.

ABSTRACT - It is understood that gender does not refer only to male and female existence. There is a universe of possibilities with tendencies related to the feminine and the masculine, therefore depending on the cultural context and composed by social relations, dependent on culture and shaped by the values of society. Thus, this work aims to research what it is like to be a woman in society, investigating the professional and personal profile, the main characteristics and social representations constituted for that gender. The criteria used for bibliographic research included topics on: sex and gender; historicity of gender mainstreaming in society; understanding social inequality between genders; gender and politics; with 9 bibliographical references between the years 1980 to 2020 for a historical and current comparison of what it is like to experience being a woman in a society. The following keywords are used: gender, female, gender and historical inequity. The other articles that did not include this narrative panorama were excluded. For this, a narrative review was carried out which allows us to draw a historical and current panorama of what it is to be a woman in a society more specifically about the education passed on to them, the social characteristics and roles represented, prejudices experienced and thus assist in deconstructing the myths women, thus providing access to information on the new roles that women have been gaining and their deconstruction.

1. Acadêmico de Medicina da Faculdade Morgana Potrich – FAMP, Mineiros, GO, Brasil.

2. Docente na Faculdade Morgana Potrich – FAMP - Mineiros/ GO, Brasil.

*Autor para correspondência: E-mail - gabrielgrilocruz@hotmail.com

Recebimento dos originais: 18/12/2020

Aceitação para publicação: 19/02/2021



INTRODUÇÃO

Falar sobre as questões que envolve Gênero, principalmente falar sobre o que é ser mulher, em uma sociedade culturalmente patriarcal é visto como desafiador e irritante, além de não ser novo. Ao longo da história sempre existiram mulheres que se opuseram a sua condição de submissão, reivindicaram liberdade e muitas foram assassinadas por causa de sua luta.

Afirma que a mulher é um ser humano assim como o homem.¹ Mas, geralmente o homem atribui a mulher como o “outro” e, desta forma, a mulher não se postula como sujeito, e é vista como mais fraca, mais incapaz do que o homem. De acordo com o Censo 2010 do IBGE, em Goiás as mulheres representam 50,34% de toda a população. São 3.022.161 mulheres. Hoje esse número é bem maior tornando a discussão sobre o papel da mulher na sociedade cada vez mais importante.

Os seres humanos têm diferenças sexuais, mas, de maneira semelhante a todos os outros aspectos de diferenciação física, elas são experienciadas simbolicamente. Nas sociedades humanas, elas são vividas como gênero, enquanto as diferenças sexuais são físicas, as diferenças de gênero são socialmente construídas. Conceitos de gênero são interpretações culturais das diferenças de gênero. O conceito de gênero surgiu entre as estudiosas feministas para se contrapor à ideia de essência, recusando assim qualquer explicação pautada no determinismo biológico, que pudesse explicar os comportamentos de homens e mulheres, empreendendo desta forma, uma visão naturalizada, universal e imutável de comportamento.

Ainda em pleno século XXI, após tantas lutas em prol dos direitos das mulheres e sua condição de liberdade, estão envoltas de preconceitos e estereótipos de como devem se comportar e o sobre seu papel na sociedade. Características essas que são passadas de geração e geração e que marca a história da mulher de séculos em séculos.

A hegemonia de algumas masculinidades sobre outras se dá nesse sentido: ela é exercida quotidianamente, produzindo saberes sobre o homem que se reforçam e se constroem nas relações formadas entre homens e mulheres no seu cotidiano e através da história. Esses saberes são produtores de efeitos de poder, reforçam e integram as práticas de dominação e submissão, e no seu movimento também alteram essa dominação.²

Percebe-se que as diferenças biológicas e sociais, são criadas através das criadas desigualdades que estipulam os papéis estereotipados para o que deve ser o masculino e o feminino. Modelos que determinam que o homem deve trabalhar fora por ser o provedor da casa, sendo designada à mulher a condição de reprodutora, cuidadora da casa. Esse modelo repassado através dos tempos diminui cada vez mais entrada da mulher no mercado de trabalho, dificultando a conquista do seu espaço no mundo da produção que até então é fortemente considerado masculino. Ainda é muito forte, a concepção de que a mulher deve ser apenas mãe e dona de casa e que todo o poder de decisão deve estar nas mãos masculinas.

A partir desta análise, este estudo tem por objetivo levar em consideração as vivências na área e pelas crenças e preconceitos que permeiam as mulheres na sociedade, pois desde o seu nascimento meninos e meninas estão sujeitos a seguir um determinado comportamento, pois toda a cultura tem uma definição de conduta e sentimentos apropriados para homens e mulheres e precisam ser desmitificada de forma que o deve ser levando em conta é a identidade e a subjetividade de cada um e não se estão enquadrados em estereótipos.³

MÉTODOS

Trata-se de uma revisão narrativa, descritiva e documental. Os critérios utilizados para pesquisa bibliográfica foram incluídos temas sobre: sexo e gênero; historicidade da integração do gênero na sociedade; compreendendo a desigualdade social entre gêneros; gênero e política; entre os anos; com 9 referências bibliográficas entre os anos de 1980 a 2020 para uma comparação histórica e atual do que é vivenciar ser mulher em uma sociedade. Sendo usados as seguintes palavras chaves iniquidade de sexo, feminino, gênero e histórico. Foram excluídos os demais artigos os quais não contemplavam esse panorama narrativo.

REVISÃO

As preocupações teóricas sobre o gênero, só se manifestaram no final do século XX, ou seja, sendo ocultas e silenciosas, em grande parte das formulações sociais desde o século XVIII até XX.⁴ Assim sendo, a conceituação apareceu pela primeira vez no campo clínico em 1968 através do livro denominado Sexo e gênero, do Psiquiatra Robert Stoller, em que é definida a construção

do gênero a partir da mediação entre as relações sociais, normas familiares e herança biológica.⁵

Afirma que o termo naturalmente se integra a ciências sociais, ao mesmo tempo, que se dissocia da política, sem implicar em posicionamento sobre a atualidade da desigualdade e poder, sendo capaz de incluir as mulheres sem nomeá-las, não pertencendo a ameaça crítica.^{3,4} Opinião que é compartilhada ao afirmar que na maior parte das sociedades o termo se refere ao feminino, sendo refletido na atuação de passividades nas relações sexuais.⁶

O conceito de gênero fora tratado como produto não de si próprio, mas das estruturas econômicas mutantes, pois, apresenta também um aspecto de identidade subjetiva refletido pela cultura consumista e organização social pós-moderna.^{4,6,7} Sendo que, nesta era os gêneros não são simples papéis, uma vez que é a ordem destes que fundamentam e resistem as ideias revolucionais.^{4,8}

No contexto gramatical, gênero é usado para classificar fenômenos, utilizando traços para fazer distinções sociais.⁴ Além de ser a categoria que indica diferenças de sexo e influências culturais. Existem gêneros masculino, feminino e neutro.⁸ As feministas usam a palavra gênero com o intuito de se referir a organização social da relação entre os sexos. Especificamente, no uso mais recente, gênero apareceu primeiro entre as feministas americanas, para indicar a distinção social fundamentada pelo sexo. Além, de denotar a relação normativa das feminilidades. Acontecendo assim a introdução da noção no vocabulário analítico.⁴

Contudo, seguindo o pensamento é preciso reconhecer que, algumas das analogias construíram a lógica da oposição masculino/feminino.⁴ Enquanto, outras se preocupam com interrogações femininas. Terceiras, ainda se propuseram a entender a formação da identidade sexual subjetiva e o gênero através dos sistemas sociais, ou entre sexos, ainda não visíveis. Esta falta explica a dificuldade da integração do termo gênero. Mas, o fato é que mesmo as teorias afirmando que as relações entre os sexos são sociais, não explica com que razão essas relações são construídas como são

Assim sendo, antigamente, gênero era entendido como sinônimo de mulheres se referindo a temas que envolviam crianças, famílias e ideologias de gênero, até então que nos últimos anos o termo mulheres fora substituído por gênero, com o objetivo de transparecer um

trabalho sereno e neutro. Atualmente, implica as relações entre os sexos.^{3,4}

Historicidade da integração do gênero na sociedade

A história das mulheres está intimamente ligada a maneira como gênero é integrado na sociedade como categoria de análise.⁴ Observando a condição das mulheres em cada época é possível perceber as relações entre os sexos. A subordinação da mulher pode ser vista claramente com a sua entrada no mercado de trabalho nas sociedades pré-industriais, ou no outro extremo, em sua exclusão que aconteceu depois da Revolução Industrial, em que na visão da época o paradigma entre trabalho e casa foi afetado com o interesse das mulheres na economia, a partir de então votadas pelo puritanismo vitoriano ao culto da castidade, devendo ser habilidosa no lar, e ainda, nos países de predomínio católico, a religião passou a ser quase exclusivamente feminina.⁷

Observar como as mulheres estão submetidas a um mundo limitado, acabam por se tornar o que é esperado segundo a razão social, confirmando com as próprias experiências que estavam pré-determinadas ao pequeno, fútil, e a identidade socialmente inferior⁷. Pode desencadear possíveis mudanças dos paradigmas tradicionais.⁷ A reavaliação crítica da sociedade.⁶ Pois evidencia, no reflexo da realidade a imposição a naturalização da construção social de gêneros como divisão arbitrária demonstrando a dominação dos homens sobre as mulheres.⁷

A dominação sobre o gênero ocorre pois a lógica existente neste mundo é a soberania masculina frente a submissão feminina. Relações essas que podem ser explicadas em duas classes de habitus diferentes, hexis corporais e complementares e de princípios de visão e de divisão, em que todas as coisas são redutíveis a oposição masculino e o feminino. Sendo o homem representado pelo lado exterior, suas funções oficiais envolvem os atos perigosos e espetaculares, como o trabalho na lavoura/colheita. Entretanto, as mulheres, representadas pelo lado úmido, funções atribuídas aos trabalhos privativos, vergonhosos, como doméstico, cuidado das crianças e animais, além da obrigação de possuir conhecimento místico de cura, sabendo lidar com o verde, por exemplo ervas daninhas.⁷

Mesmo as mulheres burguesas, que estão continuamente expostas ao olhar social, atinge extrema alienação simbólica. Significa que a posição social pode

reforçar o estereótipo do gênero e até mesmo anula-lo.⁹ A relação da mulher com o espelho, objeto que permite se ver e observar como é vista, acaba por converter o corpo da mulher para o outro, a mulher que possui acesso ao poder se encontra na situação que chamou de *double bind* – se comportam como homens: perde a feminilidade, passam a ser vista como não cuidadas, lésbicas. Se comportam como mulheres o estereótipo as fazem parecer inadequada ou incapaz.⁷

Estas são consequências das relações de dominação entre gêneros. Perpetuadas através de instâncias como a Igreja, a Escola, família e o Estado, em suas ações ditas políticas possuem em comum, o poder de agir sobre as estruturas inconscientes. Com a observação imediata se percebe a dominação masculina. A igreja marcada pelo antifeminismo, pronta para apontar as faltas femininas e enaltecer a importância moralista da família tradicional, utilizando os textos sagrados para exaltar a masculinidade. A escola, continua a transmitir a ideia moralista da representação patriarcal baseada na relação homem/mulher; adulto/criança, contribuindo dessa forma para a cultura hierárquica dos destinos sociais. A família possui o principal papel da reprodução da visão masculina, do homem retentor do saber e mantedor da família tradicional, além de legitimar a heterossexualidade. O estado com sua visão conservadora, colide as proscições do patriarcado privado com as de um patriarcado público, fazendo da família patriarcal o modelo para transmitir o princípio da ordem social como se fossem da ordem moral.⁷

Esses são os resultados que a ordem social exerce sobre as mulheres e também nos homens. Diante disso, a construção de gênero em sociedades sempre comporta hierarquias.⁶ Esta estruturação pode ser observada através dos esquemas de percepção, por exemplo, a diferença biológica do corpo masculino para o feminino, especificamente a anatomia dos órgãos sexuais é vista como justificativa para colocação socialmente hierárquica, como também fator decisivo para divisão do trabalho. Essas particularidades corporais acabam por determinar toda a ordem social, suas funções, e até mesmo a divisão sexual do trabalho.⁷

As diferenças biológicas do corpo masculino para o feminino, tornaram-se princípio fundamental dessa visão de mundo organizada pela divisão dos gêneros relacionas – masculino/feminino. Cada um dos dois gêneros é produto dessa cultura organizada socialmente, transmitida

automaticamente pelos sujeitos, pelas próprias mulheres, crítica: não consciência? o que permite a exclusão das mulheres das tarefas nobres de forma natural, lhes assegurando funções inferiores, menos valorizadas, reprimindo a sua essência desde pequenas ao ensinar-lhes a postura correta do corpo (ereta, pernas cruzadas). Atualmente as diferenças biológicas determinam a base das diferenças sociais.⁷

Compreendendo a desigualdade social entre gêneros

Seguindo fatos da história é possível constatar a desigualdade fixa no gênero. Seja qual for a variação, o fato é que a hierarquia do gênero limitou-se ao desenvolvimento de novas direções de análises.⁴ Para entender as hierarquias sociais, e como são formadas, torna-se necessário estudar a repressão a homossexualidade, este é o caminho para a compreensão das questões de gênero, por exemplo, a construção da condição feminino/masculino. Uma vez que, as diferenças entre os sexos, e a colocação hierárquica são construídas historicamente.⁶

A condenação a homossexualidade aconteceu após a diferenciação entre homens e mulheres distinguir-se entre feminilidade e masculinidade, e amplamente diferente das categorias de práticas sexuais (especificamente homossexuais / heterossexuais), logo a heterossexualidade passou a ser considerado o padrão universal, a favor da natureza biológica do homem. O que acaba por explicar as mudanças sobrevividas, e também as relações entre os sexos.⁷

Para a teoria de gênero está além da produção de identidades, não se restringe apenas entender como os sujeitos existem frente as normas sociais, ou se revolucionam a tais normas.⁵ Trata-se de algo interior: a experiência sexual, e a forma como o sujeito é afetado por esta, assim ocorre a descoberta de se abrir para o desejo ou desfazer em relação ao outro. Rigorosamente, explica a dominação simbólica está ligada a prática sexual.⁷ É a relação de dominação do princípio masculino (ativo, penetrante) sobre o princípio feminino (passivo, penetrado), que demonstra a relação de passividades nas relações sexuais.⁶ O tabu da feminilização, sacrilégio do masculino, também presente na relação homossexual. Os próprios homossexuais são vítimas dos princípios dominantes.⁷ Visto que, características femininas são qualidades nas mulheres, mas desqualificam os homens e vice-versa.⁶ E, não é raro casais homossexuais

reproduzirem nos casais que formam divisão dos papéis masculinos e femininos.

Sendo assim, homofobia é similar a misoginia enquanto homens passivos possuem traços femininos independente das preferências sexuais e mulheres apresentam comportamento masculinizado.⁶

O fato é que o funcionamento do gênero está inteiramente ligado a história do passado e ao contexto atual.^{3,4} Observando o gênero ao longo da história é possível compreender a organização da sociedade, e como se dão as relações de poder entre os sexos.⁵ Por exemplo, todos os fatores de mudanças o mais significativo foi na instituição escolar, com o aumento das mulheres a instrução, conseqüentemente independência econômica, transformação das estruturas familiares. Mesmo, assim, ocorre a tendência a perpetuar o modelo da família tradicional, e no mesmo ato, a legitimação da sexualidade heterossexual.

Gênero e política

Nos anos de 1980, com o surgimento do termo gênero, aconteceu o rompimento de forma definitiva com a política. Assim sendo, contextos como guerra, economia e outros temas, não possuem relação casual com a formação do gênero, em seguida não possui ligação com contexto político, logo, está excluído naturalmente de contextos sobre desigualdade e poder.^{6,9}

A realidade é que a política constrói o gênero e vice-versa, através da análise histórica. Mas, o gênero é entendido como categoria contrária aos negócios sérios da política, por exemplo, em contextos da alta política, por exemplo, percebe-se a exclusão das mulheres e a exaltação do ser masculino, que ainda utilizam o gênero para justificar suas ações.⁴ Não é por falta de tentativas, já que durante toda a história política existe a luta de resistência das mulheres pela inclusão.⁹

Os estudos sobre gênero possibilitam uma reformação sobre o olhar da história humana.⁶ Ademais, deve ser utilizado para explicar relações entre sexos. Refere-se a uma maneira de indicar construções sociais, pois trata-se de um termo imposto a um corpo sexuado, já que permite a distinção da prática sexual dos papéis atribuído as mulheres e aos homens.⁴

Atualmente discussão sobre gênero, não envolve somente o feminino, mas encarcera homens e mulheres aos seus estereotipados limites. A emancipação do gênero

significa liberdade para as mulheres se comportarem da forma como desejarem no trabalho, em casa.⁶

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho foi possível identificar as experiências de como é ser mulher em uma sociedade mais especificamente sobre a educação a elas repassado, as características e papéis sociais representados, preconceitos vividos e assim auxiliar na desconstrução dos mitos sociais as mulheres, proporcionando assim acesso a informações dos novos papéis que a mulher vem ganhando e sua desconstrução. Senso assim, quebrando paradigmas impostos pela sociedade entre os gêneros tornando as mulheres cada dia mais determinada para desconstruir esses processos históricos e machistas, provando pela sua capacidade de resolução e competências a que lhe são atribuídas.

REFERÊNCIAS

1. 1a BEAUVOIR, S. O segundo Sexo: Fatos e Mitos. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1980a
 2. BEAUVOIR, S. O Segundo Sexo: A Experiência Viva. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1980b
 3. Elson, Diane e Fontana, Marxia. (2019). Conceitualizando o crescimento inclusivo com igualdade de gênero. In Elson, Diane e Seth, Anuradha (comps.), Igualdade de gênero e crescimento inclusivo: políticas econômicas para alcançar o desenvolvimento sustentável (pp. 20-45). Nova York: ONU Mulheres.
 4. FRASER, N. Mapeando a imaginação feminista: da redistribuição ao reconhecimento e à representação. Estudos feministas, v. 15, n. 2, p. 291, 2007.
 5. SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. 1989. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2018.
- BUTLHER, J. Relatar a si mesmo: crítica da violência ética. 2015. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=lang_pt&id=TBV2CwAAQBAJ&oi=fndp=PT2&dq=judith+butler&ots=D5BW8wj1me&sig=vuALiStfoPsuWYLaTu_5ymXT>

[A8#v=onepage&q=g%C3%AAnero&f=false](#) >. Acesso em: 11 jul. 2018.

7. TORRÃO-FILHO, A. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. *Cadernus pagu*, v. 24, p. 127-152, jan./jun. 2005.
8. BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988
9. AURÉLIO, D. *Significado de Gênero*. 19 abri. 2018. Disponível em: <<https://dicionarioaurelio.com/genero>> . Acesso em: 11 jul. 2018.
10. Tapia Marchina, Stefania. (2020). Una lente feminista de la desigualdad económica. *Debate feminista*, 60, 24-47. Epub 27 de noviembre de 2020.
<https://doi.org/10.22201/cieg.2594066xe.2020.60.02>